

O VERBO “TER”

Um dos verbos mais ambivalentes é o verbo “ter”. Em si, nada significa mas, consoante aquilo a que se refere, pode ser maravilhoso... ou, ao invés, terrível!... Ter paz é precioso; ter guerra é catastrófico... Ter força de vontade é bom; ter preguiça é mau... E assim sucessivamente...

A questão que se coloca é a seguinte: o que pretendemos realmente ter?... É certo que muita coisa não depende de nós mas, do que depende, o que elegemos como desejável e meta atingir?

A esse propósito, o Evangelho ensina que “quem quiser salvar a sua vida há de perdê-la; mas, quem perder a sua vida [por causa de Jesus] há de salvá-la”. Há aqui, então, uma lógica diferente: para ter o que realmente importa, há que abdicar, muitas vezes, da satisfação imediata de desejos, sonhos e projetos. Sem renúncia ao egoísmo, ou egocentrismo, não será possível alcançar a salvação.

Na vida e pregação de Jesus encontramos uma grande acentuação na temática do reino do céus, onde só Deus impera e, conseqüentemente, nada existe do que nos causa angústia e sofrimento. Se o reino é “de Deus”, tudo na terra devemos fazer para ser achados dignos de participar da mesa para nós preparada no cimo do monte celestial, isto é, no céu. Na verdade, reconhecemos não ter mérito algum para o ingresso nesse convívio escatológico mas, certos da misericórdia e da graça de Deus e, a partir dela, esperamos a salvação, em Cristo.

Por isso, o que queremos, realmente, ter? Seja o reino de Deus!...

Pe. Rui Silva

